

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: ULTRAPASSANDO AS
BARREIRAS DA INDÚSTRIA CULTURAL PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA NO BRASIL

ELIENE GREEK NOVAES

ELIENE GREEK NOVAES

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: ULTRAPASSANDO AS
BARREIRAS DA INDÚSTRIA CULTURAL PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA NO BRASIL

**Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em História, do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como
exigência parcial para obtenção do título de
Bacharel em História, sob a orientação da Profa.
Ms. Lilian Calaça.**

Uberlândia, Março de 2005.

Novaes, Eliene Greek, (1979)

Televisão e educação: ultrapassando as barreiras da indústria cultural para o ensino de história no Brasil.

Eliene Greek Novaes – Uberlândia – 2005

48 fl

Orientadora: Lilian Calaça

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras – chaves: Indústria cultural; televisão e ensino de história.

ELIENE GREEK NOVAES

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: ULTRAPASSANDO AS
BARREIRAS DA INDÚSTRIA CULTURAL PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA NO BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Lilian Calaça - Orientadora

Prof. Ms. Jacques Elias de Carvalho

Prof. Ms. Rodrigo de Freitas Costa

Dedico este trabalho aos meus pais por darem início ao meu processo de formação e me ensinaram a nunca desistir mesmo nas dificuldades. Às minhas irmãs Ébia e Elisângela por me ensinarem os primeiros caminhos para o ensino escolar. Ao meu esposo Mauri Régis pelo amor e compreensão, incondicionais. À minha amiga Meire que sempre me animou, mesmo o mundo desmoronando a sua volta. A todos os professores que necessitarem de uma colaboração para o processo de ensino.

Agradeço com toda a gratidão a professora Lílian Calaça, por ser exemplo de professora, dedicada, inovadora, persistente, criativa e envolvente na arte de ensinar. Também pela paciência e dedicação no processo de orientação.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo. 1. Indústria cultural – algumas reflexões.....	12
1.1. O ensino na atualidade brasileira e a televisão.....	18
1.2. O conteúdo histórico na TV.....	24
Capítulo 2. Possibilidades do uso da televisão no ensino de história.....	26
2.1.O documento histórico.....	26
2.2. “A muralha” enquanto documento histórico.....	28
2.3. Relacionando o livro didático e a minissérie.....	32
2.4. Antecedentes para propor uma análise.....	35
2.5. Projeto de Análise.....	37
Conclusão.....	42
Bibliografia	45

Resumo

Acreditando na necessidade de incorporação de novas linguagens, inclusive de meios de comunicação, em especial a televisão, no processo de ensino, principalmente, o de história e, tendo a consciência que a utilização dessas linguagens pode ter implicações no que tange a formação do indivíduo caso não sejam bem compreendidas, neste trabalho, pretende-se responder a seguinte questão: por que e como utilizar a televisão no ensino de história, uma vez que ela está inserida no contexto da indústria cultural?

Para percorrer o caminho, na tentativa de responder esta questão, foram delimitados os seguintes objetivos: compreender o termo indústria cultural quando ele surge, na visão de alguns teóricos, e na atualidade brasileira; identificar algumas problemáticas que permeiam o ensino em geral e o de história em particular; verificar, de uma forma geral, algumas barreiras que a televisão impõe no processo de formação do indivíduo. E por fim propor a análise de um programa televisivo, a minissérie “A Muralha” (2002), na tentativa de compreender que, embora esteja dentro do contexto da indústria cultural, é possível utilizá-la em sala de aula.

Para tanto, adotou-se a análise bibliográfica de estudos que analisam a indústria cultural, quando ela surge e na atualidade; a questão da televisão e o ensino; além da temática tratada pela minissérie; a própria leitura e análise da minissérie e do romance em que esta se baseou e a pesquisa de alguns livros didáticos que complementaram algumas reflexões sobre o ensino brasileiro. Os documentos foram tratados de uma forma bem geral porque, não seria possível analisar de uma forma muito complexa o que foi proposto pelos objetivos, devido ao próprio caráter monográfico do trabalho.

Em relação aos resultados, percebe-se que mesmo tendo algumas iniciativas no sentido de utilizar os meios de comunicação em sala de aula, muitas são as resistências em relação ao seu uso; ou por falta de compreensão por parte dos professores e da própria escola, ou por ausência de meios para preparar estes indivíduos para utilização destas tecnologias. Mesmo assim é muito importante que as pesquisas nesta área sejam constantes no sentido de contribuir para a melhoria da educação e da formação dos sujeitos.

Introdução

Nos últimos vinte anos, tem-se discutido propostas para renovação do ensino brasileiro, verificadas principalmente a partir das legislações existentes para a área. Porém, o que percebemos atualmente é um ensino precário, onde faltam recursos, muitas vezes falta qualificação profissional, má remuneração, precariedade física, principalmente na rede pública. O processo de alfabetização também tem deixado a desejar, pois alunos passam de uma série para outra, geralmente sem saber ler e mal escrever, além de uma série de outras questões. De um modo geral, está ocorrendo uma formação deficiente no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual do aluno, porque normalmente passa-se o conteúdo de uma forma aleatória e na maioria das vezes, o ensino volta-se para uma preparação para o mercado de trabalho.

Para o ensino de história, as últimas décadas do Século XX, foram importantes no que se refere a uma produção historiográfica, principalmente no campo acadêmico, pois essa passou a rever o ensino de história factual, linear e positivista, resgatando ou promovendo, uma história mais dinâmica que não trata o passado como fato isolado do presente. A história se faz, de movimento e buscas no passado que possam revelar esse presente e suas complexidades. Além disso, e considerando a proposta da “Nova História” sugerida pela Escola dos Annales, iniciada por Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929 através da publicação da revista francesa dos *Annales*, que revolucionava a concepção de documento histórico; os historiadores passaram a pensar e a produzir uma história que utilizasse diversas fontes, o que permitiu uma formação docente mais crítica, na qual as fontes revelam os antagonismos de um momento. BLOCH (2001), salienta acerca da “Nova História” que esta é o

combate da história narrativa e do acontecimento, a exaltação de uma “historiografia do problema”, a importância de uma produção voltada para todas as atividades humanas e não só à dimensão política e, por fim, a necessária colaboração interdisciplinar” (p.10)

Porém, nas escolas esta proposta pouco tem-se revelado, pois a história ensinada não generalizando, mas presenciada principalmente, através dos estágios de Prática de Ensino, ainda é aquela voltada basicamente para livro didático. Não que este não seja importante, porém, é preciso ir mais longe, validar outros documentos que complementam o próprio saber de uma forma mais crítica e elaborada, por isso que é importante o uso de outras fontes,

outros documentos que vão auxiliar o professor a oferecer um caminho que direcione a construção deste saber.

Diante disso, nos deparamos ainda, com a chamada *indústria cultural*. Um termo muito utilizado, e que diante de várias pesquisas, é passível de inúmeras interpretações como, por exemplo, que ela aproxima diferentes culturas ou que sendo parte de uma indústria esta cultura pode alienar os indivíduos. Além de ser impositiva, através de um capitalismo crescente e avassalador que almeja conduzir e manipular os indivíduos, mesmo que isso não ocorra na prática.

A indústria cultural que será melhor compreendida no capítulo I, está presente no cotidiano dos indivíduos pois é construída para este e toma-o como objeto para si. Faz-se presente na música, no cinema, na poesia, no rádio, no jornal, na TV, na revista, entre outros. Ela visa o consumo, cria uma necessidade para o indivíduo, dita moda, comportamento, moralidade, ou seja, visa o consumo e não a satisfação verdadeira do indivíduo. Sua inserção na vida do indivíduo promove um processo de semiformação, num sentido de oferecer elementos para a formação (como a informação) mas de uma maneira deturpada ou que necessite de uma mediação para ser compreendida.

Diante destes aspectos, surge a pergunta: “O que tem haver indústria cultural e ensino?” Tudo haver. Atualmente, os meios de informação (maiores difusores da Indústria Cultural) fazem parte do cotidiano dos alunos, principalmente a TV e conseqüentemente do cotidiano escolar. É bastante comum verificar nos bate-papos assuntos relacionados a um programa, por exemplo, a roupa da atriz, o carro que lançou, o namorados que terminaram um relacionamento devido a uma traição e muitos outros, verifica-se que há um “prazer” em assistir a TV, por parte desses indivíduos. Ao mesmo tempo, vem ocorrendo um desinteresse pelos conteúdos escolares propriamente dito e porque a escola pouco tem feito para transformar essa situação, muitos educadores têm discutido sobre um meio mais prazeroso de ensinar, redimensionando a própria construção do saber, FONSECA (1997) salienta que

Tornou-se prática recorrente na educação escolar, no ensino e na pesquisa desenvolvidos nas universidades, o uso de imagens, obras de ficção, artigos de jornais, filmes e programas de TV, no desenvolvimento de vários temas. Trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do historiador, o campo de estudo; tornando o processo de transmissão e produção de conhecimento interdisciplinar, dinâmico e flexível. As fronteiras disciplinares são questionadas; os saberes são religados e rearticulados em busca de inteligibilidade do real histórico. Esse processo requer de nós, professores e pesquisadores, um aprofundamento de nossos

conhecimentos das diferentes linguagens, seus limites e possibilidades (FONSECA, 1997, p.63).

A opção metodológica citada por Fonseca não é propor que se apague o verdadeiro interesse nos meios de comunicação, mas, propor um diálogo com estes meios, ou seja, não se confrontar com o meio, mas tentar desvendar o que ela pode oferecer para o processo de ensino.

Diante disso e ressaltando a questão da precária formação proferida pela TV dentro do contexto da indústria cultural e ao mesmo tempo, sabendo da necessidade de introduzir uma nova linguagem no processo de ensino, este trabalho promoverá, tanto ao aluno quanto ao próprio professor, questionamentos frente a influência exercida pela TV na formação do indivíduo.

Salienta-se que este é um trabalho inicial, passível de reformulações. A proposta diante do exposto, é de situar como se encontra essa questão da indústria cultural no Brasil, voltando-se para o entendimento sobre o termo quando ele surge, seus problemas, enfatizando a televisão e percebendo que tipo de influência ela exerce sobre a formação dos indivíduos, verificando ainda a situação do ensino frente a este meio. E, ainda, sugerir uma proposta para se utilizar um programa de TV no ensino de história, mesmo sendo ele inserido no contexto da indústria cultural, pois sendo a indústria cultural um fato consumado, necessariamente devemos compreendê-lo.

Ressalta-se, que a TV abordada é aquela inserida no canal aberto, voltada para o mercado, evidenciando a Rede Globo que, desde a sua criação 1965 até a atualidade, se consolidou no imaginário social, de uma forma tão intrínseca, que se tem respeito e dá-se muita credibilidade aquilo que ela transmite, além de seduzir uma camada expressiva da população com suas tramas, principalmente com as novelas e programas afins. Torna-se deste modo um referencial para conduzir a vida.

Assim, para tentar amenizar tais problemáticas, esse trabalho pode contribuir com o professor na introdução da televisão em sala de aula, mas precisamente no ensino de história, e também contribuir para um caminho de transformações necessárias à educação de um modo geral.

Diante dessa proposta, este trabalho foi dividido em dois momentos. No capítulo um, são feitas algumas reflexões no sentido de compreender o processo da indústria cultural e algumas de suas implicações para a formação crítica e ética dos indivíduos; entender um

pouco da realidade do ensino brasileiro nos últimos vinte anos aproximadamente, além de situar as influências da televisão para este ensino, inclusive percebendo a visão que a televisão tem sobre um momento histórico.

No capítulo dois, a tentativa é identificar algumas possibilidades do uso da televisão no ensino de história, mesmo sendo produto da indústria cultural além de propor uma orientação para análise de um programa televisivo, a minissérie “A muralha” (2002), que trata do tema “Bandeirantismo (Século XVII – Brasil)”, o qual pode dar subsídios para o professor criar um debate com os alunos, no sentido de fazê-los compreender algumas implicações que a televisão impõe à formação do conhecimento de uma determinada temática histórica.

Além dos dois capítulos, uma conclusão que ressalta algumas considerações que permeiam este trabalho e ainda salienta que não é uma receita e nem tão pouco, será a solução para todos os problemas que tangem a questão do ensino e à influência da televisão na formação dos indivíduos; são apenas algumas premissas que vêm à contribuir com o professor e também para o aluno e sua formação.

Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas: indústria cultural, televisão e ensino, bandeirantismo – Século XVII, além da análise da minissérie e a leitura do livro em que ela se baseou e de alguns livros didáticos do ensino fundamental e médio. Também foram feitas pesquisas na internet que ofereceram subsídios para algumas reflexões, com destaque sites de universidades e de pesquisadores que publicam seus trabalhos no sentido de colaborarem com outras pesquisas e coletivizarem seus olhares. É com o meu olhar sobre a temática que desejo contribuir com outras pesquisas e também com o trabalho do professor.

Capítulo 1

Indústria Cultural - algumas reflexões

Ao iniciar um debate sobre televisão e educação, inevitavelmente deve-se trazer à tona a discussão sobre indústria cultural e alguns de seus pressupostos. Tudo isso porque a TV, talvez o melhor representante da indústria cultural, é vista como um dos “monstros” da vida moderna. Essa tem ocupado cada vez mais o seu espaço nos lares, servindo de refúgio do individualismo imposto pela condição moderna, aglomerando um enorme número de informações que atraem os indivíduos, entre outras coisas. A TV está presente na cultura do brasileiro de forma tão intrínseca que a própria história do país, em muitos momentos se confunde com a própria história da TV e vice versa.

O termo *Indústria Cultural*, surge aproximadamente em 1947, na Alemanha, com os estudos dos filósofos da Escola de Frankfurt como: M. Horkheimer, Walter Benjamin, Hebert Marcuse e T. W. Adorno, entre outros, apesar de já se discutir sobre cultura de massa. Estes autores desenvolveram uma teoria crítica da sociedade partindo de uma interpretação sobre o Iluminismo (movimento de cunho intelectual, ocorrido na França, século XVIII, para separar Igreja e Estado, atendendo aos anseios de uma burguesia nascente), onde se verifica a dialética do mesmo. Até então, a discussão sobre o espírito iluminista era vista como o momento do progresso econômico, social, cultural e político para a Europa. Um momento do pensamento liberal, onde se propôs o domínio do homem sobre a natureza, e a repressão às mitologias ocasionadas pelo Antigo Regime (Idade Média). Gradativamente, os campos da fé e da razão, se separaram e este último passou a conduzir a sociedade, mediante os interesses burgueses. Entretanto, o século das luzes trouxe inúmeros antagonismos, pois ao mesmo tempo em que promovia um desenvolvimento econômico voltado para as transformações técnicas, conseqüências da indústria em crescimento, onde a igualdade e a liberdade seriam para todos, esse pensamento promovia uma crescente desigualdade econômico-social, em que uma minoria se tornaria detentora do poder e a maioria (ou massa) seria excluída, ou seja, o espírito do capitalismo moderno.

Nada mais coerente que a cultura, também fosse transformada aos moldes dessa razão, afastando-se de uma arte rebuscada, teocêntrica e contemplativa, tornando-se mais próxima dos indivíduos de um modo geral. Porém, mais no contexto da recepção do que propriamente

da produção.

Mas, no momento em que essa questão da cultura é analisada pelos frankfurtianos, eles vivenciam o “progresso” dessa divulgação cultural, por meio da indústria do entretenimento, ou seja, o rádio, o cinema, a televisão. Percebem que estes meios de comunicação promovem uma “revolução cultural” e entendem que os detentores das técnicas fazem uso desta, não para aproximar as massas dos bens culturais, mas para que esse alcance promova um certo controle pois, se a indústria parte do princípio do mercado e do consumo, inevitavelmente, qualquer produção cultural inserida neste contexto industrial, teria uma intenção, seja de consumo, seja de transmissão de idéias das classes dominantes. Porém, essa indústria cultural não tende a se revelar como tal, a sua tentativa é promover o entretenimento, a diversão, a aproximação cultural, mas a sua intenção está longe de ser somente isso.

Neste contexto, muitos bens de ordem cultural como a música clássica chegou nos rádios, o cinema fez um intermédio entre culturas diferentes e a TV nos lares, deu a oportunidade de conhecer um universo em cores e sons jamais imagináveis. Era uma tentativa de aproximar as classes, de torná-las homogêneas, esquecendo as diferenças, onde a mobilidade social era perfeitamente possível, dependendo do esforço de cada um. Era uma cultura que chegava às massas em escala industrial, e por isso é tratada como indústria cultural, pois os detentores das técnicas pensam, produzem e reproduzem essa cultura para as massas. Diante deste fato, a indústria cultural é motivo de debates e pesquisas, pois em todo o seu contexto o que se verifica é que esta, através dos meios de comunicação, é utilizada para propagar ideologias, interesses financeiros, entre outros.

Toda esta questão foi pensada pelos frankfurtianos, partindo da visão que possuíam sobre cultura pois, esta resumidamente era uma maneira de contestar a condição humana, e por isso cada obra possuía uma forma particular de representar os desejos e anseios do artista que foi e muito tratada como superior, porque estava além de sua representação material. Para os autores, o que ainda garantia a superioridade, seria a unicidade, a religiosidade, a autenticidade, a particularidade, entre outros elementos que, para eles não eram possíveis, quando da produção em série. É a arte dita “superior”. E quando a reprodução técnica aproxima a arte dita superior de um grande contingente populacional, promovendo a produção em série, essa obra de arte, para os autores acaba se tornando “inferior”, banal, passageira, principalmente para ADORNO e HORKHEIMER (1995), pois acreditam que essa aproximação cultural vinda ao encontro da massa como forma de esclarecimento, de tornar

todos iguais, é o que a torna dominável.

A essência do esclarecimento é a alternativa que toma inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter à natureza ao Eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios congelados amadurece a sementeira da nova barbárie (ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M., 1995, p. 43)

Ou seja, o entendimento que se tinha sobre cultura até então era que, ela estava relacionada às atividades intelectuais e à produção de obra de arte com a preocupação em contestar a condição humana. Oferecia a oportunidade autônoma de se conhecer e conhecer o mundo, porém era acessível apenas aos letrados e religiosos, ou seja, não era uma arte dirigida, como propõe a indústria cultural, além de estar relacionada também com o esforço individual, à visão do artista seus conceitos e pré-conceitos sobre a realidade, entre outros.

Para Walter Benjamin (1969) no ensaio “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*”, a essência da autenticidade da obra é que esta possui uma história que a reprodução não permite, ou seja, ela tem uma história carregada de elementos do tempo e do espaço em que foi produzida, e, por isso, há um culto ou adoração por essa que tinha uma função religiosa e contemplativa na maioria das vezes. Porém, com a reprodução mecânica e a introdução de técnicas, essa essência da obra se perde tornando-a transitória e repetitiva, próxima das massas, porém, perdendo a função social e passando a ter uma função política. Benjamin, ainda vai analisar neste contexto a fotografia e o cinema, grandes responsáveis pela perda da essência da obra de arte. Para ele a fotografia promoverá a exposição em contraposição ao culto e à contemplação. Já o cinema, não deverá ser considerado obra de arte porque envolvem características de um conjunto de produtores que podem intervir a qualquer momento na produção final, além de ser produzido no princípio de divisão de trabalho, entre outras coisas. E há ainda, muita exploração do corpo e das idéias não de uma forma contemplativa, mas como produtos de consumo entre outros.

Diante disso, o que se percebe da indústria cultural, na opinião desses autores, é que o progresso técnico, destacando-se os meios de comunicação em massa, além de promover uma abrangência na recepção cultural, produzida dentro da concepção da divisão social do trabalho, no sentido de que várias pessoas participam da produção, e de estarem diretamente ligadas aos interesses do capital, ou daqueles que tendem a conter as massas, tende a uma

utilização da indústria para manutenção da ordem e do progresso, e acima de tudo visa o lucro por intermédio de seus produtos. Ressalta-se que quando se fala em indústria cultural, não quer dizer que ela se dá apenas nos sistemas capitalistas, mas também, em sistemas que viram nos meios de comunicação de massa uma grande oportunidade de conquistar as nações. No momento do nazismo alemão, o rádio foi um dos instrumentos mais importantes para a consolidação deste, pois pela difusão dos discursos pelo rádio, que as idéias e os anseios de Hitler conseguiram um alcance grandioso entre a população, conseqüentemente, sendo apoiado para seu propósito de “raça pura”.

As transformações técnicas que promoviam o aparecimento dos meios de comunicação, de acordo com os autores, propiciaram a extinção da “autonomia” e da tradição da obra de arte, devido à massificação, ou seja, à distribuição e a produção em série. Para Adorno foi o ápice da “barbárie”, pois é algo que tende a alienação do sujeito e para Benjamin, apesar de toda redução da obra, elas se tornaram mais próximas do espectador, porém com outra função.

Ainda neste contexto, os autores salientam os propósitos dessa indústria cultural no campo social, a qual cria um critério, uma orientação para o consumo, além da estandarização (classificação de produtos por classe social, ou escala de valores). Com isso ela promove a necessidade de consumo de um determinado produto, já pensando na sua posterior substituição por um outro, ou seja, um ciclo permanente, o que para os autores, gera a idéia de *status quo*, ou conformismo social, pois substitui a consciência e impede a formação de indivíduos autônomos, ou seja, “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade do domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena” (ADORNO e HORKHEIMER, 1969, p.160).

O que se percebe, com todos os autores supramencionados seria uma radical crítica à questão da massificação da cultura pela técnica, a desmoralização da obra de arte (ou das concepções de obra de arte que possuíam) e à questão da utilização dessa massificação em benefício das ideologias dominantes, sejam elas capitalistas ou não, promovidas principalmente pelos meios de comunicação em massa.

Destaca-se ainda uma visão de linearização e uniformização sobre essa recepção cultural, que para os autores, os indivíduos se tornam alienados e passivos diante dela, ou seja, que eles a aceitam de forma incondicional, sem resistência os produtos dessa indústria. Salienta-se porém, que em outros contextos e com outras concepções de cultura, verifica-se

que a recepção das informações dependem de uma série de códigos e elementos do cotidiano que possibilita uma recepção diferente para cada grupo social; porém os meios de comunicação exercem sim, uma grande influência na massa e isso precisa ser repensado.

Para Umberto Eco (1970) no debate entre “*Apocalípticos e Integrados*” percebe-se que nem todos os estudiosos dos meios de comunicação em massa, condenam a indústria cultural em sua totalidade, pois diante de todos os aspectos ideológicos, deve-se pensar em diferentes contextos e formas a indústria cultural, pois, o homem de uma civilização de massa “*melhor ou pior, é outro, e outros deverão ser os seus caminhos de formação e salvação*” (ECO, 1970, p. 38).

Nesse debate, ressalta-se um grande radicalismo entre quem defende e quem condena a indústria cultural ou cultura de massa, que torna-se muito superficial. Porém, em questão da defesa o que fica para uma posterior ligação com a análise dos dias atuais, é que existe uma nova concepção de cultura e a TV juntamente com outros meios de comunicação (produto da Indústria Cultural) estão imbuídos nessa concepção, pois, eles buscam elementos do cotidiano para se estabelecerem e com isso promover uma difusão de cultura que antes não ocorria, era exclusivo das elites. Isso não deve ser considerado de uma forma tão simplista, pois, como já foi mencionado, há implicações ideológicas que precisam ser banidas e compreendidas para a formação intelectual. Para Umberto Eco, deve-se pensar sobre o uso que se faz da tecnologia e quem tem esta noção necessita propor um projeto de mudança, elaborando o que há de positivo ou não no meio, atentando para o propósito de quem detém o poder desse meio.

O que se verifica também é que de acordo com o momento analisado, a questão da indústria cultural, pode apresentar outras concepções ao seu respeito, não perdendo é claro a questão da transmissão de ideologias, no sentido de propagar idéias e intenções de quem detém o meio (que sempre ocorrem), pois a própria concepção de cultura vai se transformando através dos tempos. É a partir desse contexto, que outros teóricos passarão a analisar a questão da indústria cultural, ou dos meios de comunicação em massa, com outro olhar que não apenas o da decadência da obra de arte, mas a cultura no seu sentido mais amplo, sendo relacionada não apenas a atividades intelectuais, e sim aos rituais, símbolos e tradição dos cotidianos familiares, religiosos, entre outros. Num outro momento, o próprio Adorno, analisará a questão da televisão, de forma menos radical, pensada numa crítica mais elaborada onde não se vê apenas uma alienação por parte do indivíduo, mas percebe-se uma face educativa.

Na sede da Rádio de Frankfurt em 1969, T. W. Adorno participou do seu último debate, cujo título era “Educação e Emancipação”, contou ainda com o Sr. Eliot Becker - diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Suceda de Max Planck (Berlim). Adorno apresenta nesse debate seus pressupostos sobre a televisão enquanto meio de comunicação de massa influente também no processo da educação, principalmente porque o momento em questão, pesquisadores tinham um novo olhar sobre a TV; para Becker “este veículo já não é visto a partir de uma perspectiva de confronto, mas que se procura estreitar as relações e a convivência com ele” (ADORNO, 1995, p.75).

Adorno preocupa-se primeiramente, em destacar que o conceito de formação pela TV divide-se em dois caminhos. Um relacionado com objetivos pedagógicos (televisão educativa, escolas de formação televisiva); outro relacionado com deformação, ou seja, a TV intervindo na consciência dos indivíduos.

Partindo desse pressuposto, a análise da TV deve ser muito cuidadosa embora exerça uma função educativa, ela é muito mais relacionada com a transmissão de ideologias. É preciso ter essa consciência, antes de introduzir a TV na escola, com a pretensão de que “o efeito de esclarecimento da televisão se amplie e os perigos que ela representa se reduzam a um mínimo inevitável” (ADORNO, 1995, p.78).

A grande questão, portanto, é fazer com que os indivíduos desenvolvam uma crítica televisiva identificando as ideologias, as quais, de acordo com Adorno, são mais fortes, a medida em que adquirem mais influência sobre o inconsciente dos indivíduos, e esse papel é muito bem representado pelas novelas, ou seja, o que poderia ser mais inofensivo, apresenta-se imperativo sobre as pessoas. As novelas e outros programas afins, buscam elementos e códigos do cotidiano social, conquistam o público, contudo, em suas representações transformam a realidade, como se todos os problemas desse cotidiano fossem resolvidos num passe de mágica e assim o público, na maioria, toma como verdade aquela representação. É como se a vida fosse a extensão daquilo que acontece na TV. É preciso resistir a essas facetas da indústria cultural pois, “no momento histórico em que nos encontramos, e perante ao poder da indústria cultural e do sistema a “simples” resistência é uma tarefa” (RONDON, 2001, p. 222).

Toda essa trajetória é necessária, pois para analisar televisão e educação, não se pode deixar essas correntes teóricas, como de T. W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, além de outras que apesar do conhecimento, não foi possível agregá-las a esse trabalho,

esquecidas no passado. Hoje se confirma uma certa “barbárie” no que diz respeito ao que se vê na TV e como esta tem exercido o seu “reinado” nos lares.

No Brasil, a questão da indústria cultural deve ser repensada, os meios de comunicação, com destaque a televisão, já fazem parte da própria cultura dos brasileiros. É impossível pensar, portanto, numa cultura deixando de lado essa questão. Por conseguinte essa premissa deve ser considerada, devido a educação não poder excluir o cotidiano sócio-cultural dos indivíduos.

1.1- O ensino na atualidade brasileira e a televisão

O Brasil vivencia grandes problemas sociais, políticos e econômicos. Um país de economia industrial em “desenvolvimento”, em que há uma grande concentração de renda com uma minoria. No campo educacional, os problemas sócio-econômicos se refletem paralelamente há uma falta de investimentos governamentais na área, acarretando uma defasagem no ensino e consequentemente na formação.

No que tange o ensino de história propriamente dito no Século XX, esse passou por várias reformulações. Em 1964 as aulas de história e geografia tiveram sua carga horária reduzida, além disso, houve uma preocupação ensinar a educação cívica que se integrou aos currículos escolares em 1969, devido a instituição do AI-5. Passou-se a ensinar conceitos que consolidavam o momento vigente como “nação”, “pátria”, “integração nacional”, até mesmo a família deveria ser agregada a esse tipo de ensino. Era a história dos heróis. Atualmente o ensino é amparado por leis como a Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que visa essa transformação do ensino tradicional; e também pela proposta de avaliação do livro didático que se iniciou em 1994. Todo esse aparato tem o sentido de oferecer um ensino mais aberto às questões sócio-culturais, tentando ser mais democrático e menos institucionalizado, oferecendo uma abertura às novas metodologias e novas linguagens.

Entretanto, o ensino ainda vivencia problemas para se estabelecer da forma proposta, pois mesmo com este amparo, no que diz respeito a história, por exemplo, o ensino dessa disciplina ainda é voltado basicamente para o livro didático, da história factual, em que o professor fala e o aluno ouve. Não há interação entre a realidade escolar e a realidade social dos alunos, como se a escola não fosse extensão da vida e *vice versa*. Porém, as propostas

pedagógicas atuais tendem a mudar essa situação pois

discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa marcada por diferença e desigualdades (FONSECA, 1997, p.15)

Diante do exposto por Fonseca, pensar o ensino, principalmente de história, requer muito mais que o uso do livro, como já foi colocado. É preciso haver uma interdisciplinaridade do espaço escolar com o espaço social (que é carregado de rituais, símbolos) e também porque a história se faz do próprio movimento das relações sociais, ou seja, quando o indivíduo chega ao espaço escolar ele já está carregado dos conceitos e pré-conceitos de outras instituições como a família, a igreja, a mídia. Assim, não é possível ser indiferente à esta carga social.

O esforço para resgatar essa condição do ensino é para chegar a um ponto sobre o ensino de história. O mesmo se tornou, diante do espaço escolar uma disciplina com alto grau de indiferença, pois os próprios alunos já não têm a noção do que seja estudar história e nem para que serve. Dá-se muito mais importância, a matemática, a física, a química, devido estarem, de acordo com o imaginário social, relacionadas a cursos superiores melhores, a garantia de um lugar no mercado de trabalho e à status social. E aos que tendem a escolher uma área de humanas tem menos chances de “ser alguém na vida” A maioria se torna professores e conseqüentemente não são valorizados por este mercado e até pelos meios de comunicação em massa, como bem salienta MEDEIROS e RAMOS (2003)

ao mesmo tempo em que as leis nacionais ampliam a exigência da qualificação para se atuar no setor educacional, os meios de comunicação vão indiretamente abrindo mão da própria necessidade de se formar o educador escolar, colocando o trabalho de educar como tarefa de todos (MEDEIROS e RAMOS, 2003, p.224).

Felizmente, existe ainda muitos professores e uma historiografia, que desejam mudar esse quadro do ensino, principalmente na área de humanas. Em um país com tamanhas desigualdades sociais, é preciso cada vez mais, conscientizar a grande maioria da população, na tentativa de, pelo menos, amenizar a situação. Torna-se muito importante o papel do professor como mediador entre as relações sociais e o espaço escolar, sendo esse um instrumento na formação de seus alunos e é louvável que muitos deles vêm buscando alternativas para essa tão sonhada transformação do ensino, por meio da utilização de novas linguagens, novas abordagens que envolvem os símbolos e os rituais do cotidiano precisam ser ampliadas e redimensionadas a cada realidade. E como ressalta bem FONSECA (1997)

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re) construirmos nosso conceito de ensino aprendizagem (FONSECA, 1997, p.164)

E nada melhor que os meios de comunicação, particularmente a TV, para representar o cotidiano social da maioria dos indivíduos. Esse cotidiano que é marcado pelos meios de comunicação e *vice e versa*. Todavia, uma das barreiras impostas por essa TV é a incorporação de elementos do cotidiano transformando-os de uma forma fantasiosa, seduzindo os sujeitos e fazendo com que esses adotem os elementos de seu conteúdo como direcionamento da própria vida, apesar da resistência, na diferença da recepção entre outras.

Tudo que foi mencionado anteriormente deve ser tomado como uma preocupação para o professor, com ênfase o historiador, que nos últimos anos a própria TV tem se encarregado de ensinar história e também de questionar o papel do professor. Porque mesmo não sendo essa a função da TV, a sua trajetória tende a querer mostrar ao contrário, que ela está preocupada em formar cidadãos mais esclarecidos, mais participativos, mesmo que aparentemente.

A televisão vem se tornando cada vez mais atrativa, dinâmica e em contrapartida a escola tem se tornado (mais precisamente a pública) mais obsoleta, não acompanhando essa dinâmica. Pouco se tem feito para mudar este quadro. Não há uma paridade entre tempo escolar e tempo da sociedade. A TV invade a vida dos sujeitos, toma o seu tempo para si, promove a idéia de que não é necessário as relações interpessoais, porque ela pode servir de companhia para os momentos de solidão impostos pela condição moderna, ou seja, é renegar a questão do conflito (presente das relações sociais), tão importantes para o nosso crescimento.

Diante disso, os professores interessados pela transformação da educação brasileira, tentam fazer uma nova leitura da TV (porque o conteúdo é um texto a ser lido) e dos meios de comunicação de massa em geral, na tentativa de incorporar o que é mais atrativo para os alunos e ao mesmo tempo, trazendo à tona novas discussões, novos debates, fazendo reviver a criticidade, além de promover uma interdisciplinaridade entre o cotidiano social e os conteúdos escolares que é primordial. Ainda para alguns pesquisadores essa inserção seria uma motivação para o aluno, como pensa MOURAN (1994), “a motivação dos alunos aumenta significadamente quando realizam pesquisas onde se possam expressar em formatos e códigos mais próximos de sua realidade” (p.27). E ainda ressalta que os meios de

comunicação não “eliminam o papel do professor, ao contrário, ajudam-no a desenvolver sua tarefa principal, que é a de obter uma visão de conjunto, educar para uma visão mais crítica” (p.23).

Com esta visão é válido e necessário pensar a utilização da televisão no processo educacional, pois além da questão ensino/aprendizagem no campo escolar, é necessário se preocupar com a influência (e essas se tornam barreiras para a própria formação) que a mídia exerce sobre a formação e à conduta dos indivíduos, principalmente porque ela se compromete a educar, porém isso ocorre de forma incompleta e muitas vezes incorreta. É preciso saber ler e compreender o texto televisivo, e o professor é parte essencial nessa compreensão, é ele quem vai auxiliar os alunos, na formação do pensamento crítico. O que não pode ocorrer é o uso do meio como ilustração pois como diz Porto (2000)

É preciso superar o uso dos meios apenas como recursos auxiliares de um ensino preocupado com a ilustração de suas proposições, o qual frequentemente se completa com a tomada de “representação” pela realidade, subaproveitando a potencialidade reveladora da representação utilizada e distorcendo a realidade que pretende ser focalizada (PORTO, 2000, p.02)

Talvez seja esta a preocupação dos educadores, e também de Adorno quando recusa a indústria cultural como forma de esclarecimento, ou seja, tomar como verdade absoluta a informação passada através da TV, o que poderia ser uma maneira de alienação. E esses problemas podem estar muito mais relacionados com aquilo que parece banal como novelas, minisséries, programas de auditório, entre outros.

Além dessa preocupação na busca de novos métodos e novas linguagens, deve-se ressaltar que a condição do ensino brasileiro e todo o processo histórico do país, nos fornece uma nova condição de análise que não aquela proposta pelos frankfurtianos. A própria história do país em muito se confunde com a própria história da TV e seu crescimento e inserção no cotidiano social dos brasileiros, ainda é uma realidade onde a educação institucionalizada não consegue caminhar sem abordar o cotidiano. A realidade de cada região, de cada espaço em que se dá a educação são muito diversificadas. O professor tem que se adaptar às realidades que estão a sua volta. Não se pretende porém, “transformar a educação para a comunicação na questão central, mas tirá-la da condição marginal em que se encontra” (MORAN, 1994, p.25).

No que concerne à influência da TV sobre os indivíduos, o professor Marcos Napolitano (2003), no livro “*Como usar a televisão em sala de aula*” nos chama a atenção, sobre a questão de uniformidade/homogeneidade na recepção do conteúdo, diferentemente do

que pensou Adorno, cada sujeito tem um grau de influência do meio e ele chamou de “midiabilidade” que

implica a dificuldade em estabelecer fronteiras definidas entre a experiência enraizada nas relações sociais mais tradicionais(vividas no bairro, no trabalho, na escola ou na família) e aquela vivida através da mídia incorporando valores e comportamentos dos seus tipos e personagens (NAPOLITANO ,2003 , p.12).

Traçando um diálogo com Adorno e Horkheimer, conclui-se que a questão de alienação/passividade, uniformidade de ação e pensamento, não pode ser entendida de forma tão radical, pois, por mais que assistam TV, o comportamento dos sujeitos diante dela não é uniforme. Partindo do pressuposto de midiabilidade, sugerindo que cada um possui uma “fronteira” e que cada um tem uma percepção daquilo que vê e portanto sofrendo uma influência, uma resistência e uma aceitação diferentes. Jesús Martin Barbero de acordo com Napolitano acredita ainda que “o sujeito é portador de códigos e valores culturais que não são destruídos pela experiência da TV” (BARBERO, s.a, p.39), mesmo que existam programas dito de “baixo nível”. Ao contrário dos frankfurtianos, Barbero salienta que a questão da influência da televisão não deve partir da questão da produção e da recepção do material televisivo deve ser analisada onde se fazem as mediações da informações, ou seja, no espaço social em geral.

É evidente que a TV consegue impor modelos de vida, consegue criar necessidades de consumo. No entanto, o imaginário individual permanece livre e indevassável, reequilibrando a dimensão psicossocial do indivíduo e revelando-se imune ao poder dos simulacros tão próprios da emissão televisual (ROCCO,1994, p. 60).

Muitos educadores resistem em utilizar a TV em sala de aula, talvez transferindo a ela uma culpa que deveria ser analisada em outros campos como a própria instituição escolar, a família. Culpam-na devido as crianças ficarem horas vendo televisão ao invés de utilizar o tempo com leituras, por exemplo. Torna-se imprescindível questionar o que a própria escola tem feito para atrair a atenção e a participação do aluno diante dos conteúdos escolares. Além disso, alguns professores desanimam-se ao propor trabalhos que vão acarretar debates e discussões, que exigem dele uma contribuição mais aprofundada para uma construção do pensamento crítico. Toda proposta de alteração desse quadro, requer muita pesquisa muita dedicação e muitos não fazem isso, por não se sentirem valorizados ou pela falta de tempo, pois tem de se desdobrarem em grandes jornadas de trabalho, e acaba deixando de produzir uma aula mais dinâmica, mais interativa. Enfim, tudo fica como está.

No campo acadêmico muitas pesquisas são desenvolvidas no sentido de buscar novas

formas, novas idéias de promover um ensino mais eficaz, e talvez este trabalho seja mais um. Entretanto, os novos professores saem da faculdade e deparam-se com situações inusitadas e complexas, como alunos que vão para escola apenas para se alimentarem, outros possuem um quadro familiar de violência, problemas de alfabetização, falta de recursos na escola, destaca-se desta maneira uma série de questões ligadas ao cotidiano dos alunos que interferem no processo de aprendizagem. Porquanto, as adversidades e o comodismo, têm superado a vontade de crescer. Lembrando que na escola privada, o quadro é um pouco diferente no que diz respeito ao acesso às tecnologias pois no ensino também deixa lacunas, principalmente porque é muito mais voltado para o mercado de trabalho.

Diante de todos esses problemas, ainda é pertinente qualquer pesquisa que pode ser usada e mesmo adaptada à realidade em que se encontra a escola e seus sujeitos. Propostas individuais podem se transformar em propostas coletivas e com isso, ser inseridas num contexto de transformações.

Apesar desses problemas, a maioria das escolas possuem, um vídeo (atualmente até DVD), televisão, radiogravador, instrumentos tão simples, mas que podem gerar de acordo com a intenção do professor, aulas interessantes que sejam atrativas aos alunos. Paralelamente à importância e necessidade de uma interferência sobre as informações da TV e também às possibilidades que ela pode oferecer como auxílio pedagógico, é que acredita-se na viabilidade da inserção da TV no ensino e também de outros meios de comunicação em massa. E de acordo com a temática que irá trabalhar, pode-se utilizar o rádio, filmes, revistas, entre outros, recursos que estão disponíveis na própria escola ou, quando não estão, são de fácil acesso ao professor, promovendo uma interdisciplinaridade, tanto entre diferentes espaços, quanto entre diferentes disciplinas escolares.

1. 2 – O conteúdo histórico na TV

Atentando-se para a televisão e o ensino de história, em muitos momentos estes estão estritamente ligados, mesmo possuindo os seus antagonismos. A TV oferece um vasto material histórico-social em sua programação, que pode ser tratado como documento histórico que precisa apenas ser lido e interpretado. Ressalta-se ainda que esta TV que está sendo tratada, mais precisamente é a de canal aberto, direcionada para a emissora Rede Globo. Desde a sua criação em 1965, no que diz respeito à história, ela possui um “compromisso”

com a “história oficial” do Brasil, história dos heróis. esta rede tem grande aceitação do público destacando as suas novelas, jornais, minisséries, programas de auditório, entre outros.

As novelas possuem uma complexidade de temas possíveis de serem analisados e trabalhados em sala de aula. O Jornal Nacional também é objeto de vários estudos acadêmicos. O historiador VARUSSA(1998) salienta que “pensamos em trazer para a sala de aula notícias veiculadas pela TV e pelo jornal, possibilita diversas formas de reflexão” (p.83) e ainda no mesmo artigo, salienta que “podemos lançar mão de diversos meios, dando-lhe uma dimensão de documentos tais como os próprios artigos de jornais, programas de TV,...” (p.88).

Outros programas também podem ser analisados e dentre eles merece uma atenção especial as minisséries globais, pois nos últimos anos têm-se revelado no que diz respeito a narrar fatos históricos do nosso país como “A Casa das Sete Mulheres” que trata da Guerra dos Farrapos; “A muralha” (2002) conta à saga dos Bandeirantes paulistas e a origem da cidade de São Paulo; “Anos Rebeldes” exibida no momento em que se dava o *impeachment* de Fernando Collor em 1992, trata de contextualizar uma série de resistência ao regime militar, recentemente “Mad Maria” (2005) que conta a história da construção da estrada de ferro no interior da Mata Amazônica. A maioria dessas tratam de um romance sob um fundo histórico. De acordo com NAPOLITANO (2003), a minissérie

é um tipo de teledramaturgia que a TV brasileira, sobretudo a Rede Globo, tem desenvolvido e utilizado com frequência. Segue os padrões da telenovela, com a particularidade de manter-se dentro de um eixo narrativo e desenvolver um tema central em poucos capítulos. Permite um aprofundamento dos temas e tem menos compromisso com as vicissitudes da audiência (p.88)

Seguindo este raciocínio, os telespectadores de todos os níveis, classes, idades, têm entrado em contato com esses fatos históricos, alguns deles pela primeira vez e com isso, a pergunta que fica é como os sujeitos têm aprendido história por meio da TV? E diante disso, é possível inserir essa TV no contexto educacional, sendo ela um produto da indústria cultural?

Acredito que tentar ultrapassar as barreiras da indústria cultural, que recai principalmente na transmissão de ideologias do capitalismo e da classe dominante é possível, além de ser necessário, porque os indivíduos não devem aprender a compreender a história e até mesmo outros assuntos de uma forma equivocada. É preciso que entendam que a coerção pode se dar em vários níveis, inclusive a nível cultural, principalmente pela TV que reina soberana nos lares do brasileiro, tentando direcionar o caminho e as atitudes dos indivíduos, além de propagandear uma função educativa que, apesar de ser possível, não lhe cabe,

denotando a forma aleatória que é feita.

A escola com todas as suas dificuldades, ainda é portadora da função educativa no sentido de auxiliar o aluno na produção do conhecimento, na formação do pensamento crítico e ético. É neste contexto que os professores e a comunidade escolar como um todo, devem buscar alternativas e metodologias para redimensionar o ensino, de uma forma mais prazerosa e também questionadora, algo que pode ser observado com o uso da TV em sala de aula.

Capítulo 2

Possibilidades do uso da televisão no ensino de história

Os avançados meios tecnológicos, pela ambigüidade ainda presente em suas produções “culturais”, sempre vão tolerar possibilidades formativas e educativas no coração de suas programações. Isso só depende muito das forças vivas da sociedade que, através do processo de formação cultural e crítica, podem intervir continuamente neste processo (PUCCI, 2003, p.24)

No processo de ensino de história, há uma grande necessidade de utilizar diferentes fontes documentais para a construção do saber, para conhecer um contexto e suas implicações. Cada documento possui a visão de quem o produziu, com uma certa intenção e por isso utilizar-se de um único documento para compreender um momento histórico, é ter uma visão fragmentada daquele momento.

Tendo essa consciência e sabendo que ao produzir um programa de TV que trata de fatos históricos verídicos, pode considerar que esse documento é uma visão que se tem daquele momento e confrontando-o com outras fontes, pode contribuir na compreensão do momento analisado, desde que se faça os questionamentos necessários. É nessa perspectiva que a televisão pode ser utilizada no ensino de história. A maioria de seus programas podem ser analisados como documento histórico, desde que se faça a interdisciplinaridade com outras fontes, seja ela o livro didático, um romance, ou o próprio conhecimento do professor. Além disso, esse uso pode auxiliar no entendimento das ideologias que estão nas entrelinhas de seus programas.

2.1- O documento histórico

Apesar das exceções, há um crescente interesse dos professores em usar a TV em sala de aula. Dessa forma tentamos apresentar possibilidades para o seu uso com a intenção de um processo, ou seja, um conjunto de ações básicas para que os programas de TV, sugerindo em específico a minissérie “A muralha”, que pode ser utilizada como documento sócio-histórico e pode ser vista como uma fonte de aprendizado escolar que proporcione um debate fecundo.

Quando o professor se propõe a analisar um documento, observando suas possibilidades enquanto documento histórico, ele mesmo tem que ter uma visão mais ampla

desse significado. Partindo dessa perspectiva o professor se tornará mais aberto às diversidades e às multiplicidades de documentos que poderá trabalhar em sala de aula.

Para considerar um documento como histórico, ele não deve ser necessariamente um documento escrito ou uma lei porque também sobre esses pairam algumas dúvidas, ele pode ser “produto da sociedade que o fabricou”. Pressupõe-se que um documento histórico para ser considerado como tal, não deve ser usado como uma ilustração do momento em que foi elaborado ou produzido mas “deverão responder às indagações e as problematizações de alunos e professores, com objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado” (SCHIMIDT e CAINELLI, 2004, p.95). E como um momento histórico é produzido pelos indivíduos nas mais diversas ações do espaço social, qualquer fonte que represente tal espaço, pode ser utilizada como documento histórico. Para entender tais documentos, é necessário partir para a leitura de suas entrelinhas, observando além daquilo que ele apresenta numa primeira leitura. É uma investigação, uma ação democrática que parte daquilo que o indivíduo procura saber e não apenas do que o documento quer falar.

Algumas questões podem ser pertinentes ao se analisar um documento histórico como: “O que esta fonte nos informa?; “O que posso deduzir dessas informações?”; “Até que ponto posso acreditar no que ela diz?” e “De que outra fonte necessito para complementá-la ou confirmar o que está sendo apresentado?”.

Portanto, há uma diversidade de fontes que podem ser trabalhadas como documentos históricos por exemplo: construções, roupas, esculturas, diários, textos de imprensa, cartas, livros, pinturas, filmes, programas de televisão, além de fontes orais, programas de rádio, entre outras dezenas.

A crítica ao documento é possível quando, no processo de aprendizagem, o professor conduz o aluno a articular os fatos entre diversas fontes, inclusive o conhecimento transmitido por ele.

Nessa perspectiva e ressaltando a necessidade de modificar o trabalho com a disciplina de história em sala de aula e introduzindo novas fontes de pesquisa, conseqüentemente propondo uma crítica ao texto televisivo, os qual tem distorcido o próprio ensino de história é que proponho analisar de uma maneira sistematizada a minissérie “A muralha” (2002), ou seja, utilizá-la como documento histórico e seguidamente questioná-la para perceber o que é oferecido ou não para o ensino, pois sendo uma produção com um “pano de fundo” histórico,

pressupõe-se que existiu uma pesquisa histórica para a construção dos fatos. Tem-se assim uma visão, uma leitura que a autora teve daquele momento, além de estar inserida num meio de comunicação de massa, ou seja, além de uma visão, provavelmente há uma intenção.

Dessa forma, considera-se que tanto a televisão quanto a escola são espaços ambíguos e tensos que articulam continuamente uma luta de representações de mundo social que ora favorecem a manutenção da ordem vigente, ora deixam brechas para seu questionamento, definindo, divulgando diferentes projetos e práticas sociais.

2. 2 “A muralha” enquanto documento histórico

A minissérie “A muralha” (2002), foi escolhida a princípio por se tratar de um episódio da história do Brasil (O bandeirantismo), e por conseguinte toda a sua produção e reprodução podem ser exploradas em sala de aula. O contexto, a intenção dos autores e diretores é claro, a imagem que nos fornece temáticas as quais podem ser revistas e criticadas, dando a oportunidade do próprio aluno formar sua opinião e rever a sua própria nacionalidade, desconstruindo principalmente, a figura do herói, tão marcante na educação brasileira. Levando-se em consideração que a trama foi produzida em comemoração ao 5º centenário do “descobrimento” do Brasil e também com a proximidade do aniversário de 450 anos de São Paulo (2004), rever essa história a partir da TV, pode auxiliar o professor a chamar à atenção do aluno, pois as imagens têm esse poder, e faz com que levantemos questões de nosso presente, que são intrinsecamente relacionados ao nosso passado e o modo que fomos colonizados.

Para haver uma melhor compreensão da temática, apresento a seguir a sinopse da minissérie:

Sinopse

“Lutas sangrentas entre brancos e índios, aldeias inteiras passadas ao fio da espada. Assaltos, embustes, emboscadas: há sangue nas trilhas. Um mundo entre a cruz e os arcabuz. Duelos em ruas enlameadas: caçadores de homens, foras-da-lei e mestiços renegados apresentam suas armas. Tesouros escondidos, iras de sangue, ouro e maldição - sim, amigos o Brasil teve o seu faroeste”
Muito antes, e com muito mais ação, do que nos Estados Unidos. O que o Brasil não teve foi uma indústria como Hollywood para produzir mitologia a partir da própria história. Mas você tem nas mãos o embrião do projeto: A Muralha, minissérie produzida e

exibida pela TV Globo no ano do quinto centenário do descobrimento do Brasil, desbrava o caminho e aponta a direção: faz a mistura fina entre ação, reflexão e entretenimento. Eis a história, outra vez ao ar livre.

Escrita por Maria Adelaide Amaral, inspirada no livro homônimo que Dinah Silveira de Queiroz (1910-1982) publicou em 1954, A Muralha, dirigida por Denise Saraceni, mergulha nos primórdios do século XVII e nos conduz ao coração das trevas de São Paulo de Piratininga, a capital dos temíveis bandeirantes. Um épico vigoroso sobre o nascimento de uma nação, com toda paixão, fulgor e sangue sobre os quais nunca nos falaram na escola” (www.2001video.com.br).

Ficha Técnica (www.2001video.com.br) :

Direção: Denise Saraceni, Carlos Araújo

Gêneros: DRAMA, SÉRIES/TV, BOX/COLEÇÕES

Ano de Produção: 2002

Duração: 810 minutos

Distribuição: Som Livre

A Minissérie é dividida em quatro CDs classificados da seguinte maneira: CD 1 - Velhos Pecados e um Novo Mundo; CD2 - A Febre do Ouro e os Apelos da Carne; CD3 - De Lagoa Serena ao Ribeirão Dourado; CD4 - O Nascimento de uma Nação.

Ressaltando a temática, a minissérie trata do “Bandeirantismo” (Século XVII) praticado pelos paulistas, no Brasil. Um episódio da nossa história que deixa marcas de sangue (até onde se sabe, mais de 300 mil índios foram mortos), mas que deixa, entre outras, uma marca do heroísmo.

As bandeiras (assim chamada pelos paulistas) ou “entradas” eram expedições que saíam de pequenas capitanias, formadas por brancos (mais precisamente, filhos de portugueses nascidos no Brasil), mestiços e índios, armados, em direção ao interior do país em busca, inicialmente de índios para escravização, posteriormente em busca de metais preciosos. Essas expedições, eram muito pobres e bem precárias.

A primeira bandeira paulista saiu da Capitania de São Vicente, fundada em 1532 por Inácio de Loyola, em busca de escravizar os índios. No contexto em que o país vivia, evidenciava-se essa ação como sendo uma justificativa para os horrores da dizimação indígena. A capitania produzia açúcar mas não conseguia concorrer com o nordeste (mais próximo da Europa); ocorria as Invasões holandesas onde o tráfico negreiro foi interrompido, então a busca por escravizar índios e vendê-los a quem necessitava de mão-de-obra, isso se tornou um grande negócio. De outro lado, dando seguimento com ações coercitivas, a igreja exercia o seu papel de dominador e colonizador. Na Europa estava ocorrendo a Reforma

Protestante (Séculos XVI e XVII), onde os dogmas do catolicismo estavam sendo questionados por Martinho Lutero.

Diante disso, a igreja católica verificou que era primordial a conversão ao cristianismo dos povos do novo mundo e organizou ordens religiosas as quais tinha como papel principal catequizar os índios. E com essa missão a Companhia de Jesus veio para o Brasil (século XVI) e uma das ordens fundou a capitania de São Paulo de Piratininga em 1554.

Os bandeirantes são saudados heroicamente pelos paulistanos, sobretudo nas comemorações do aniversário de São Paulo em que os feitos “heróicos” destes bandeirantes são lembrados e são vistos como homens destemidos, desbravadores, fortes, que enfrentaram a miséria e a pobreza para fundar a tão querida São Paulo “menina dos olhos” do brasileiro, ou seja, é orgulho nacional. É só verificar as homenagens tais como Praça dos bandeirantes, Palácio dos bandeirantes, Monumento aos bandeirantes, Avenida Bandeirantes.

No contexto da comemoração dos 500 anos do “descobrimento” (2000), muitos projetos questionando a nossa história oficial (que aparecem na rede mundial de computadores, principalmente) e também na historiografia, são elaborados na tentativa de desconstruir a história do Brasil de uma forma mais crítica, revendo o nosso próprio nacionalismo.

A televisão não poderia ficar para trás nesta questão, principalmente, porque tem uma tendência em construir e desconstruir os heróis da nação, ou seja, hoje é do bem, amanhã é do mal e vice-versa, ou seja, a Rede Globo, mais precisamente, não pode conservar uma idéia, quando se sente ameaçada e se voltarmos à sinopse verifica-se que há uma intenção acabar com essa visão heróica sobre os bandeirantes mas quando se analisa a minissérie isso fica um pouco à desejar.

A necessidade de recontar a história desse país é fazer repensar o porquê de se comemorar o “descobrimento”, além de dar-nos a oportunidade de discutir problemas atuais que têm origem no modo como fomos colonizados e uma série de outros mitos que se fizeram através dos tempos.

A TV Globo, na tentativa de se posicionar diante de tantos questionamentos tenta recontar esse episódio da nossa história como quem diz: - *herói sim, mas nem tanto!* . E mesmo sendo “A muralha”, uma minissérie baseada num livro escrito em 1954 (reeditado em 1971) produzi-la e reproduzi-la no momento que foi, fez da TV a anfitriã, para dizer: - *agora vou mostrar a história como ela foi de verdade.* Diante desse aspecto, muitas pessoas entram

em contato com essa “his(es)tória” pela primeira vez, e talvez a figura do herói permaneça, ao invés de ser aniquilada.

Portanto, numa tentativa de entender melhor a nossa história, a história dos primórdios do Brasil, reelaborando o presente (pois a história se faz nessa relação passado presente) e, aliando-se a isso a necessidade de interpretação do texto televisivo, identificando suas pretensões, trazer a discussão da minissérie para a sala de aula, pode nos fornecer subsídios para as duas tentativas.

Em relação ao livro “A muralha” (1971) de Dinah Silveira de Queiroz, escrito em comemoração ao 4º centenário de São Paulo (1954) e reeditado em 1971, a autora tenta resgatar a história da origem de São Paulo com uma visão romântica, mantendo a questão do herói, ou seja, ressaltando as dificuldades geográficas, físicas e materiais, vividas pelos paulistas no momento do bandeirantismo quando “desbravavam” o interior do Brasil. A questão da violência contra o indígena pelo bandeirante, o papel de dominador e repressivo da igreja, são abafados pela estória de amor.

Na minissérie, muitas coisas são uma cópia fiel da literatura, mas além de manter os personagens do livro, outros foram criados, os quais trataram de um assunto que o livro não se propôs. Um é uma judia que vem fugida da Inquisição que ocorria na Europa, a qual perseguia os contestadores do catolicismo/cristianismo; outro é um padre que também vem de Portugal para se agregar à Companhia de Jesus em uma das missões e que mais tarde devido à convivência com os nativos, passa a questionar o papel da igreja na questão da catequese, entre outras coisas. É como se os horrores da Inquisição acontecessem somente na Europa.

A minissérie mostra na primeira cena, a violência contra o indígena, mas ao longo do desenvolvimento, aos poucos essa imagem violenta vai sendo reduzida.

Ao ver os depoimentos dos diretores, escritora e atores, verifica-se que a tentativa do trabalho era contar a história como ela foi de fato. Daniel filho, um dos diretores no seu depoimento diz que ficou preocupado em mostrar aquela gente suja e feia, principalmente o Tarcísio Meira porque o público está acostumado com o glamour e aquele trabalho não tinha nada disso. Como aquilo que não fosse glamouroso fosse a própria realidade.

A autora Maria Adelaide Amaral numa notícia à Folha da Manhã on line, em 15/07/99 disse que “a série vai revelar um período da história do Brasil que não foi contado e que é muito interessante”. Ou seja, mesmo atentando para um romance, o pano de fundo (Saga dos bandeirantes) contado pela autora, seria uma história verídica de acordo com sua visão e com

os 25 livros de história que leu (não cita quais) para elaborar a superprodução.

2.3 - Relacionando o livro didático e a minissérie

Voltando-se um pouco para a sala de aula e em pesquisas de alguns livros didáticos, a história dos bandeirantes, se resume a pequenas citações ou tópicos e com isso possuem muitas lacunas a serem preenchidas pelo professor que, no uso da TV e de seus conhecimentos e pesquisas, podem auxiliar fazendo uma mediação entre o meio e o livro didático, o que resultaria tanto no enriquecimento dessas lacunas, quanto para questionar a TV e seu modo de contar a história.

No que diz respeito à minissérie, levanta-se algumas temáticas possíveis de serem trabalhadas em sala de aula. Não há, porém, a intenção de desenvolver tais temáticas nesse trabalho, mas oferecer sugestões para o professor na busca de novas metodologias, novas linguagens no processo de ensino, como a seguir:

- 1 - A violência contra o indígena e mestiços, atentando não apenas para o aspecto físico, mas cultural e religioso;
- 2 - O catolicismo e o papel da igreja, no bandeirantismo -Século XVII;
- 3 - Como a mulher é percebida e qual o seu papel, no momento em questão;
- 4 - Desconstrução do mito do herói bandeirante.

A primeira temática apresentada pode ser analisada de várias formas. A primeira diz respeito à violência física (escravização dos índios), posteriormente pode-se destacar uma violência contra a religião e a cultura. Ou seja, a catequese, as mudanças nos costumes, tipos de trabalhos, vestimentas, por exemplo.

A segunda temática também é muito presente na trama e da mesma maneira deixa lacunas também no livro didático. A igreja foi fundamental para a dominação dos índios, por meio das missões (colégios montados por padres onde abrigavam os indígenas para catequese), mantidas pela Companhia de Jesus (ordem religiosa vinda da Europa, para promover a catequese indígena). Porém, para muitos a Igreja foi vista como protetora dos indígenas, contra a escravização pelos bandeirantes.

A terceira temática talvez seja um pouco mais complexa de se trabalhar devido a falta de material a respeito. A maioria dos livros não trazem a questão da mulher nesse momento. Sendo necessária, uma investigação histórica, mais aprofundada.

A desconstrução do mito, quarta temática, é importante ser trabalhada mesmo dentro de outras temáticas, pois acredito que a tendência é evidenciar que tudo que os bandeirantes fizeram seria em função da superação das dificuldades, inclusive a escravização do indígena analisada, como forma de heroísmo. E com a seleção de algumas cenas é possível desmistificar isso, pois quem assiste a trama por completo ou até mesmo algumas cenas, percebe-se num primeiro momento há exploração de cenas de violência contra o indígena e secundariamente, brancos e índios vivem em plena harmonia. Felizes para sempre!

Para verificar como os livros didáticos tratam o tema, algumas análises foram feitas a partir de exemplares dos últimos anos e nestes, fica claro que apesar dos pesares, o bandeirante ainda é visto como um herói, devido às dificuldades que encontrou para desbravar e constituir a São Paulo de Piratininga. Ressalta-se porém, que a proposta aqui não é a crítica minuciosa do livro didático e por isso a pesquisa foi feita em poucos exemplares.

A maioria destes livros apenas cita a escravização do índio como uma das funções dos bandeirantes, mas não falam que houve resistência, alguns dizem que apenas eram hostis. Schmidt (1997), por exemplo, faz uma pequena crítica a autores que falavam que os índios eram hostis, pois, diante da situação que enfrentavam, eles tinham mais a que se defender. Além disso, o autor “joga” algumas críticas, mas não desenvolvem-nas no corpo do texto como dizer que “o fato é que a imagem oficial que existe sobre os bandeirantes é muito útil para glorificar os efeitos dos governantes atuais” (SCHMIDT, 1997, p.73), ou seja, ele poderia analisar questões atuais que seriam reflexos desse passado, promovendo um debate que não seria apenas do fato em si, mas de suas representações na mentalidade atual.

Sobre a participação da igreja no momento analisado, os livros didáticos na maioria dispensam uma rápida atenção ao episódio, tendem a uma defesa dos jesuítas que sempre estavam em guerra contra os bandeirantes, pois esses atacavam as missões em busca de escravos, ou seja, não pensam a questão da catequese como um tipo de escravidão. De acordo com CAMPOS (1991) “em cada uma das missões jesuíticas vigorava um regime comunitário e não existia escravidão” (p.54) e apesar de ser um livro didático do início da década de 1990 a tendência dos autores atuais não é muito diferente, pois ou citam quem eram os padres, o que fizeram para a formação dos povoamentos e catequese, ou citam alguma crítica, mas não estendem muito o assunto, como algo sem importância. Como COTRIM (2002) que diz “os jesuítas conseguiram junto à metrópole a edição de normas que proibiam o ataque e a escravização dos indígenas. Assim “protegiam” os índios dos colonos e os exploravam a sua

maneira” (p.239), ou seja, não argumenta ou questiona que tipo de exploração.

Na minissérie, os padres jesuítas aparecem como protetores dos índios contra os paulistas. Mas, possui um personagem Dom Jerônimo Taveira (Tarcísio Meira), que não é padre, mas, é um homem mal que justificava todas as suas ações de violência contra os índios e contra a mulher em nome de Deus. É, também, um inquisidor (membro da Santa Inquisição, movimento da Igreja Católica, contra a Reforma Protestante que perseguiram e matavam qualquer um que questionasse ou oferecesse perigo as dogmas do catolicismo). Dom Jerônimo escraviza índios e uma judia que veio fugida da Europa, pois ela e seu pai estavam sendo perseguidos pela Santa Inquisição e de acordo com os interesses desse personagem, diz que Deus o havia investido de poderes para julgar e queimar pessoas que agiam contra a vontade de Dele. É como se a trama mostrasse que os padres eram os bonzinhos e aquele personagem era louco, que as coisas não ocorriam daquela maneira.

Ainda sobre a igreja, a minissérie vai colocar alguns questionamentos sobre os dogmas do catolicismo. Apresenta a proximidade e a possível influência indígena nos costumes e na religião dos brancos. Um padre (padre Miguel) fica envolvido por uma índia e começa a entrar em conflito consigo mesmo e no fim ele acaba indo viver numa aldeia, dizendo que é possível que o deus indígena (Tupã) possa ser o mesmo Deus dele.

Porém, a relação de convivência das mulheres e também de outros personagens com os índios nas cenas, nos dá a entender que eles viviam harmonicamente. Existiam índios e mestiços que trabalhavam na casa grande, como se fossem felizes não nos dando uma noção de escravidão. Alguns índios até ajudavam na captura de índios de tribos diferentes. No livro didático, COTRIM (2002) vai dizer que um dos objetivos dos bandeirantes era “repressão de grupos indígenas rebelados” (p.238), ou seja, fica parecendo que os que não se rebelavam, se é que existiam, não eram reprimidos.

Além disso, o livro didático não oferece muitos exercícios de reflexão em COTRIM (2002) aparecem questionamentos como: “explique a diferença entre entrada e bandeira?”; “Quais foram os tipos de bandeira e quais eram seus objetivos?”; “de que forma os bandeirantes contribuíram na expansão territorial da colônia?”(p.238), ou seja, são questionamentos que, a não ser que o professor intervenha, não causarão nenhuma crítica por parte do aluno, este ficará indiferente com aquela velha questão que muitos professores de história estão acostumados a ouvir: “*por quê tenho que estudar isso?*”.

Volta-se então à importância para a introdução de novas linguagens, novas

metodologias no contexto educacional, proporcionando ao aluno um prazer em estudar história, ativando sua imaginação e sua criatividade. Salienta-se, porém, que este trabalho não é uma receita para todos os problemas de ensino, mas uma contribuição para resolvê-los.

2.4 - Antecedentes para propor uma análise

Inicialmente para nortear essa proposta, ressalto que sendo a minissérie um programa extenso, 810 minutos, trabalhá-la em sua totalidade em sala não é conveniente. O professor pode selecionar cenas de acordo com a temática que irá trabalhar.

Antes que o professor introduza uma análise das imagens é importante que ele disponha de pelo menos um momento em conjunto com os alunos, para debater e analisar questões pertinentes à TV, tentando contrapor os temas tratados pela televisão com outras fontes. Isso proporcionará, de início uma primeira análise crítica, com intuito de verificar ficção e realidade, algumas ideologias como o consumismo, o tratamento a diferentes classes. O historiador Marcos Napolitano (2003), propõe algumas atividades simples, que podem ser trabalhadas neste momento como:

Atividade 3: Palavra Escrita Versus TV **Objetivo:** Estimular a articulação entre a assimilação da palavra escrita e o hábito de ver TV. **Roteiro 1 (ensino fundamental):** - Exibir um telejornal ou trechos de um telejornal para o grupo. - Os alunos, individualmente ou em grupo, devem trazer na aula seguinte um jornal impresso com a mesma pauta jornalística exibida na TV. - Solicitar uma redação mostrando as diferenças entre as duas abordagens da mesma notícia. **Roteiro 2 (ensino médio):** - Selecionar uma minissérie ou um episódio isolado, feito a partir de uma adaptação literária (ver sugestões). - Solicitar a leitura do livro, localizando as mesmas situações dramáticas exibidas na adaptação de TV. - Por meio de leitura em voz alta ou debates dirigidos, estimular a percepção das especificidades de cada veículo no tratamento da mesma estória ou trecho da estória. **Sugestão de programas adaptados de obras literárias:** - Minisséries da TV Globo: Hilda Furacão, Agosto, Grande Sertão: veredas, Morte e vida Severina, entre outras). - Produções do Núcleo Guel Arraes da TV Globo: Comédia da vida privada, O homem que sabia Javanês, O besouro e a rosa, etc). **Obs:** O professor deve evitar a tendência de hierarquizar os veículos (exemplo: o livro é “melhor” do que a TV). Não é este o objetivo da atividade”. (NAPOLITANO, 2003, p. 22)

O professor deve intermediar o processo, esclarecendo sobre alguns pontos positivos e

negativos e algumas influências sobre a formação dos sujeitos. O aluno pode ter assim a noção de alguns perigos que pode enfrentar ao ver televisão. É claro que o professor não terá à disposição tempo necessário para reelaborar todos os elementos coercitivos da TV. Assim faz-se necessário uma primeira análise, que não será minuciosa mas proporcionará uma identificação de alguns desses elementos de uma forma mais minuciosa e mais clara.

Alguns sites da rede mundial de computadores (Internet), hoje indispensável para trabalhos de pesquisas, oferecem uma enorme quantidade de textos que fazem uma crítica à TV, alguns são curtos, objetivos, de origem acadêmica. O professor pode selecionar alguns desses para seu trabalho com os alunos. Alguns estão disponíveis na bibliografia.

Voltando-se para a questão da proposta de análise da minissérie, outras considerações devem ser feitas. Primeiramente, os livros didáticos pouco se dedicam à questão dos bandeirantes, geralmente é um pequeno item no capítulo dedicado à colonização do Brasil. E para nós brasileiros é um capítulo importante da nossa história. Foi um momento que definiu o nosso presente, as desigualdades, a questão da propriedade da terra, dentre tantas outras colocações. Nessa conjectura, a análise da minissérie vai proporcionar um novo entendimento do presente partindo dos primórdios dessa colonização.

Antes que o professor inicie esse trabalho, é necessária uma minuciosa preparação, pois o mesmo deve estar munido para responder as dúvidas e os questionamentos dos alunos quando da utilização da imagem e também para suscitar um debate mais consistente. Isso é necessário, porque o professor está incorporando uma nova linguagem e isto não pode ser feito de forma aleatória porque não é simplesmente uma ilustração. Caberá ao professor propiciar ao aluno “caminhos” para enxergarem o que a imagem não mostra ou mostra, mas tem uma intenção. Diante disso, a introdução desse meio de comunicação vai exigir um pequeno projeto que vai sistematizar o processo a ser adotado para chegar a um objetivo final.

Para a produção desse projeto, o professor deve-se perguntar qual a sua intenção ao trabalhar essa minissérie (mais precisamente as suas temáticas) em sala de aula. Quando o professor se questiona chega a um consenso sobre os objetivos que ele quer atingir, conseqüentemente organizará melhor o seu roteiro.

2.5 - Projeto de análise

A organização da proposta em forma de projeto, pressupõe que não é um trabalho

simples que vai exigir apenas pequeno plano de aula, isso é importante, mas é necessário ampliar o planejamento para fazer um trabalho mais elaborado, o plano de aula faz parte do projeto.

O professor deve partir de um planejamento básico dos objetivos, conteúdos, estratégias e ações de forma contextualizada e articulada, considerando a dimensão humana, técnica e sócio-cultural da prática pedagógica para trabalhar com a TV no ensino de história. Se há o interesse de incorporar as novas linguagens no processo ensino aprendizagem, pressupõe-se uma qualificação, um estudo, pesquisa, preparação para desenvolver o tema. Sugerimos os passos fundamentais de uma proposta dentre tantas outras que o professor poderá elaborar. Essa pode e deve ser articulada à criatividade sendo resignificada a partir de sua experiência. A seguir apresento um pequeno projeto, a partir de uma sugestão de temática.

Projeto para utilizar a minissérie “A muralha” (2002), no ensino de história

Tema central: O bandeirantismo - Século XVII – Brasil

Temática Sugerida: “A violência contra o indígena”

Objetivo: Observar que tipo de violência o indígena sofria, por quais motivos e quais as consequências disso para o seu modo de vida; questionar o termo “descobrimento do Brasil” e suas implicações na atualidade

Desenvolvimento do trabalho:

Como já foi ressaltado, não é possível trabalhar com toda a minissérie devido a mesma ser extensa. O professor então deve assistir toda a trama e pré-selecionar as cenas que vão oferecer subsídios para se chegar aos objetivos. Deve ter cuidado ao selecionar as cenas, pois os alunos farão uma leitura do olhar do professor.

Para se iniciar o trabalho visual é necessário que haja uma introdução do tema a ser trabalhado. Para isso, o professor pode pedir para os alunos, uma leitura prévia do capítulo referente ao assunto no livro didático ou que pesquisem sobre o assunto em livros, revistas,

etc., à disposição.

Nessa aula o professor vai sinalizar os elementos que o livro não trata sobre o tema e se ele trata de que forma isso acontece.

Num segundo momento, ressaltando que é necessário o professor já ter trabalhado com o início à crítica da TV em sala, o professor vai oferecer um roteiro que pode ser entregue antes ou depois do contato com as imagens, o que for menos tendencioso. A idéia é que os alunos coloquem os seus olhares, a suas leituras sobre os fatos.

Um roteiro pode ser elaborado através de questionamentos ou atividades, neste caso o questionamento pode ser mais pertinente, uma vez que os alunos vão estar assistindo as cenas na própria escola. Posteriormente, as respostas do roteiro serão trabalhadas em conjunto com o professor. Sugestivamente, este roteiro pode ser respondido em grupo para estimular o debate entre os alunos.

Diante da temática sugerida, alguns questionamentos para o roteiro podem ser bem apropriados como os que se seguem:

- 1 - Como os índios viviam nas aldeias e como eles passaram a viver com a chegada do homem branco? Levar em consideração o tipo de trabalho, vestimentas, religião, entre outros. Essa questão é importante para, numa posterior discussão, o aluno perceber que não havia apenas uma violência física, mas também cultural, uma violação da identidade indígena;
- 2 - Quando o bandeirante começa a “entrar” no interior, já haviam habitantes povoando tais locais? Essa questão pode colaborar na compreensão do termo “descobrimento do Brasil” pois, como já existia habitantes o território já “pertencia” a “alguém”, ou seja, o descobrimento deverá ser entendido como posse;
- 3 - Os bandeirantes juntamente com os jesuítas fundaram a Cidade de São Paulo, hoje a maior cidade do Brasil, diante do observado esse feito pode ser considerado um fato heróico? Esse questionamento poderá encaminhar parte da discussão na desconstrução do mito;
- 4 - Em algum momento observa-se uma relação de amizade/harmonia entre brancos e índios? Essa questão é o que pode direcionar uma crítica ao conteúdo da minissérie e da própria TV em relação à transmissão de conteúdos históricos, pois como ela mostra muitas cenas dessa relação “harmônica”, o professor pode intervir desconstruindo essa imagem, pois, como já se sabe foi um momento em que morreram mais de 300 mil

índios. Ou seja, vai mostrar que a televisão mesmo sinalizando algumas críticas, ainda manteve a figura do herói bandeirante e que os brasileiros tem uma identidade forjada.

O professor pode pedir para os alunos fazerem outros apontamentos que acharem interessante como a situação social, falas, entre outros.

Conclusão do projeto

Para concluir o projeto, após o processo de análise das respostas dos roteiros, o professor pode proporcionar um debate com os alunos, evidenciando as lacunas deixadas tanto pelo livro didático, quanto pelo programa televisivo.

Deverá estabelecer uma conexão com temas da atualidade como questões éticas e culturais, promovendo uma reconstrução no seu imaginário da sua própria nacionalidade, com o objetivo de eliminar os mitos sobre aquele período. Além disso, o professor pode trazer para o debate, algumas reportagens de violência contra o índio na atualidade, para refletir as mudanças (caso houveram) em relação ao tratamento à esses indivíduos.

Resultados do projeto:

Como a proposta apresentada não foi trabalhada em sala, não se tem a noção de seus resultados práticos. No entanto, é uma iniciativa que pode gerar resultados positivos de acordo com o comprometimento do professor e do próprio aluno com o trabalho. Ressalta-se, contudo que a disposição do tempo para cada etapa deve ser planejada pelo professor de acordo com o número de aulas, assim como a consequente produção do roteiro. É uma atividade que pode ser trabalhada tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, sendo observado o seu redimensionamento, dependendo da faixa etária, deve-se verificar o tipo de cenas a usar. O professor deve assim, elaborar o tempo que utilizará para cada etapa do trabalho.

Outras atividades são encontradas em textos que tratam da televisão em sala de aula, a citar NAPOLITANO (2003) que apresenta uma série dessas atividades/roteiros que podem exercitar o pensamento crítico do aluno frente à TV, principalmente discernindo como a TV

trata as temáticas. E essas atividades têm os mais variados objetivos como: “discernir a informação crítica da dramatização da informação”; “analisar como o conteúdo historiográfico é representado num programa de teledramaturgia”; “refletir sobre as formas nas quais o conteúdo produzido pelo discurso científico é socializado pelo discurso dramatizado da TV, bem como suas conseqüências culturais e ideológicas”; “fazer o aluno se posicionar sobre o impacto da TV na sociedade e na cultura do século XX, analisando o mito da decadência cultural das sociedades de massa”, entre outros

É claro que para se chegar ao objetivo, vai depender do interesse do professor e mais ainda do próprio aluno. Mas, a partir do momento em que o professor de história, se propõe a trabalhar de uma forma mais dinâmica, menos monótona, será capaz de se aproximar mais de seus alunos e *vice versa*. Ele deve pelo menos tentar.

Essa proposta exige um grande tempo de preparação e não pode ser feita do dia para a noite. As condições de trabalho dos professores podem dificultar a concretização desta proposta, pois ela requer tempo para o planejamento das aulas, levantamento e estudo de diferentes representações sobre o mesmo tema, além de discutir e debater. Porém, o professor deve construir e elaborar projetos para superar suas insatisfações em algo mais prazeroso tanto para ele, quanto para o próprio aluno que sofre, na sua formação, as conseqüências de um ensino indiferente, não questionador, factual.

O professor, também, não pode deixar sua função ser banalizada do modo como está, principalmente porque a cada ano, centenas deles saem das faculdades rumo às escolas. Então, já que se propôs a tal função, deve exercê-la em sua plenitude propondo mudanças, sempre no sentido de formar indivíduos autônomos e mais conscientes o que é aprendido na escola é empregado e levado por toda vida.

Há toda uma gama de materiais que podem auxiliar na mediação do professor entre a TV e o conteúdo ensinado. O que ocorre muitas vezes é a falta de interesse do professor em pesquisar o material preparatório, da própria inserção nos debates. Porto, salienta que é necessário que o trabalho com a TV em sala de aula, parta de ações coletivas de estudos, “que os saberes originados de vivências coletivas são valorizados pelos professores e propiciam comunicações/interações entre os sujeitos escolares” (PORTO, 2000, p.07).

Assim, o desafio é vencer os próprios pré-conceitos que o próprio professor possui, seus medos e angústias, que de acordo com PORTO (2000) “as vivências pedagógicas entre os docentes contribuem para a construção de redes, estabelecimento de relações, processos de

abertura e outras atitudes de aprendizagem desprovidas de autoritarismos e “melindres” (p.08). Quando o professor propõe um trabalho de melhoria para o ensino e esse for tratado de uma forma coletiva, desde a aquisição de materiais, as dúvidas, as problematizações sendo pensadas de uma forma mais democrática, o trabalho de cooperação que tende a ter mais sucesso no seu resultado.

Conclusão

Ao término desse trabalho, algumas considerações devem ser retomadas. A proposta dessa monografia, resumidamente é perceber como a televisão pode ser utilizada para o ensino de história, uma vez inserida no processo da indústria cultural. Ao mesmo tempo considerando-se que no Brasil, é quase que totalmente impossível pensar em cultura, sem pensar na TV que está inserida no cotidiano e no imaginário social

Algumas correntes teóricas foram utilizadas na tentativa de explicar como foi pensada a questão *Indústria Cultural*, quando surge a discussão sobre os meios de comunicação em massa como forma de dominação e coerção. Muitas correntes, existem sobre o assunto, cada uma verificando elementos que, podem interferir no inconsciente do indivíduo, como a linguagem, a produção, a recepção, o cotidiano, o visual. Esses elementos não são relevantes nesse momento, porque não seria possível analisá-los um por um. Portanto, parti do pressuposto que essa indústria cultural está consolidada com todas as suas ideologias e crenças e que seria preciso lidar com ela dessa maneira.

Além disso, quando escolhi a minissérie “A muralha” (2002) para propor o uso da TV em sala de aula, eu já conhecia os limites que teria dentro do universo desse trabalho, pois, não era possível analisar toda trama que aponta para de várias temáticas e cada uma oferece diversas maneiras de serem analisadas. Essas temáticas foram sinalizadas, de acordo com a orientação do Seminário de Pesquisa e ainda numa tentativa de fazer o leitor perceber que era possível introduzir a televisão em sala de aula, mesmo inserida num contexto industrial de uma forma mais concreta sugeri uma proposta de análise de uma das temáticas, que não é uma receita, mas uma possibilidade.

Sobre a proposta de análise em forma de projeto, esta me veio à mente porque a introdução da TV no processo educacional não é uma coisa simples e aleatória. Acredito que esse pequeno projeto, proporciona uma melhor organização do trabalho e que vai orientar o professor na introdução dessa linguagem na sala de aula. Também pode ser apresentado a outras disciplinas, adaptando-o ao assunto e a temática que se quer trabalhar.

O processo de pesquisa não foi tão trabalhoso, porque existe um vasto material tanto no que diz respeito à questão da televisão, educação, quanto do bandeirantismo. A dificuldade foi na delimitação do que seria trabalhado, uma vez que tanto o assunto “televisão e educação”, quanto ao próprio conteúdo da minissérie, ofereciam diversas vertentes de

análises. Então restou a tentativa de mesclar os assuntos, não estendendo muito nenhum nem outro, mas elencando os pontos que acreditava que daria subsídios para o trabalho.

Uma dificuldade que não me prejudicou, devido já me resguardar a esse respeito, mas que pode ser um problema para o aluno do ensino fundamental ou médio, é a precária condição da biblioteca municipal de Uberlândia. Tentei pesquisar sobre os livros didáticos e apesar de ter encontrado alguns, muitos são antigos, em péssimas condições, não há livros atuais. Se o governo garante um ensino público e de qualidade, de início já deveria, oferecer no mínimo, um acervo de pesquisa para as bibliotecas públicas. É por essas e outras que a TV, e atualmente a Internet, se sobressaem na mentalidade dos indivíduos, por oferecem o que a escola não tem conseguido proporcionar. Esse mais um dos problemas que o aluno enfrenta em sua formação.

Ressalto, que a tendência em adotar um caminho pedagógico propondo um trabalho bem didático ocorreu uma vez que sabendo da distância entre as proposições acadêmicas e a realidade do ensino, percebido principalmente através dos estágios de Prática de Ensino. Porquanto, me senti de certa forma comprometida a oferecer uma proposta para iniciar uma mudança para o quadro de decadência a qual a escola se encontra, em especial ao ensino de história, dando minha contribuição enquanto historiadora e futuramente professora.

Sobre a relação escola e televisão algumas premissas, ao meu ver, são conclusivas como:

O aluno tem condições de uma recepção ativa da TV, ou seja, refletir criticamente sobre seus programas e não apenas absorver as suas mensagens passivamente;

A escola e suas diferentes disciplinas como, o ensino de história, podem se apropriar dos produtos da televisão, mas não apenas como material neutro e lúdico e nem fazendo crítica externa a eles como fossem naturalmente alienantes;

O ensino de história e as outras disciplinas escolares devem construir um diálogo com diferentes representações de mundo social veiculada pela televisão e outros espaços culturais (escola, igreja, família, etc.), sem buscar designar o lugar da verdade ou da mentira, mas procurando conhecer os projetos e práticas sociais que elas definem, legitimam, difundem e incentivando os alunos a posicionarem criticamente em relação a eles;

Um tema histórico deve ser estudado através do confronto das múltiplas representações existentes sobre ele: as que os alunos conhecem fora do espaço

escolar por meio da televisão e demais lugares sociais e outros ainda desconhecidas, como as de algumas produções historiográficas, apresentadas pelo próprio professor; Deve haver uma complementariedade da linguagem audiovisual (mais intuitiva e sensitiva) predominante na televisão e da linguagem verbal e escrita (mais racional) predominante na escola: a interpretação dos programas televisivos, devem partir das emoções e sensações que causam nos estudantes, as quais devem ir sendo racionalizadas, reelaboradas utilizando-se do debate coletivo entre os alunos e professores, do estudo de outras representações sobre o tema tratado no programa.

Há a necessidade que os alunos percebam que os conhecimentos, as informações, os valores veiculados por esses espaços culturais são construções históricas e sociais e, portanto, não precisam ser aceitos passivamente. Podem ser questionadas, reelaboradas, e ainda contribuir para que os saberes descontextualizados da televisão e da educação escolar adquiram um sentido maior ao serem relacionados uns com os outros e dessa forma se moldem a totalidade social e ao processo histórico e seus jogos de poder.

Com o propósito de acreditar no valor desse trabalho e afunilar o seu objetivo, afirmo ser possível utilizar a televisão em sala de aula, mesmo inserida no contexto da indústria cultural, porque isso ainda é um problema mesmo que a recepção se dê de formas múltiplas. Essa inserção proporcionará um redimensionamento na construção do conhecimento, numa tentativa de formar um aluno como cidadão, que tem uma relação mais crítica e autônoma com o conhecimento e com a realidade social, tornando-o sujeito da história e do conhecimento.

Bibliografia

- ABREU, Capistano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. 7ª ed. revisada, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- ADORNO, T. W e HORKHEIMER, M, 1947. “A Indústria Cultural”, In: LIMA, Luis Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.
- _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido de Almeida, s.ed., 1985.
- ADORNO, T. W;1903-1969. *Palavras e sinais: modelos críticos*2/Theodor W. Adorno; tradução de Maria Helena Ruschel: supervisão de Álvaro Vales.-Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. *Educação e emancipação*; tradução Wolfgang Leo Maar. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, Erlando (2004). “O negócio do descobrimento”. Disponível em: www.gcunha1.hpg.ig.com.br/artigo
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, editora UFRJ, s.d.
- BENJAMIN, Walter (1936). “A obra de arte da época de sua reprodutibilidade técnica”. In: In: LIMA, Luis Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.
- BRASIL/SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (1997/1998). Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia. Brasília: MEC/SP.
- COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral – V. único – 6ª edição reformada*. São Paulo, SP: Saraiva, 2002.
- DAVIDOFF, Carlos. *Bandeirantismo verso e reverso*. Editora Brasiliense, s.d.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Coleção debates, São Paulo, Perspectiva, 1970.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno(2003). “A TV que vemos e a TV que nos olha” e “A TV e a transformação do público e do privado”. Debate: televisão e educação. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>

- FICHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.
- FONTANA, Josep. “*Reflexões sobre a história, do além do fim da história*”. In: História: análise e passado e projeto social. Bauru, SP, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas, SP: Papirus, 1997 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- _____. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*/Selva Guimarães Fonseca. Campinas, SP: Papirus, 2003 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- GLEZER, Raque (2000). Identidade forjada justifica hegemonia de SP, diz Glezer. *Folha on line, Brasil por historiadores*. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/fol/brasil500>
- HAMBURGUER, E. “A Televisão e as Novelas no Cotidiano” org. SCHWARCZ, L M. In: *História da vida privada no Brasil 4*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JOELE FILHO, Ezio (18/08/1999). Bastidores. *Folha da Manhã*,. Disponível em: <http://www.folhadamanha.com.br>
- _____(15/06/1999). Bandeirantes serão tema da Globo. *Folha da Manhã*. Disponível em: <http://www.folhadamanha.com.br>
- LEI Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação.
- LOSNAK, Célio (18/06/2003). “Economia e elites paulistas no século XVII”. Disponível em: <http://tvtem.globo.com>
- _____(18/07/2003). “Precariedade e pobreza dos paulistas”. Disponível em: <http://tvtem.globo.com>
- _____(13/02/2003). “Os bandeirantes e a escravidão”. Disponível em: <http://tvtem.globo.com>
- MAGALDI, Sylvia (2003). “É possível educar para e com a TV?”. Debate: televisão e educação. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.
- MARQUES, Adhemar. *Brasil: história em construção, volume 1*/Adhemar Marques, Flávio Beutti, Ricardo Faria. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1996.
- MEDEIROS, Fabiana S.F de. e RAMOS, Gêssica Priscila. “O espaço escolar na sociedade

- tecnológica”. In: VAIDERGON, J./BERTONI, L. M. (orgs). *Indústria cultural e educação* (ensaios, pesquisas, formação). 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 2003, p. 219-230.
- MONTEIRO, John. *Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, s.d.
- MORAN, José Manoel, (25/06/2002). “Desafios da televisão e do vídeo à escola”. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002>
- _____. “Educação e meios de comunicação”. Série Idéias nº 9. São Paulo: FDE, 1994, p.13-17. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>.
- _____. “Os meios de comunicação na escola”. Série Idéias Nº 9. São Paulo: FDE, 1994, p. 21-28. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão na sala de aula*. 5ª ed. - São Paulo: Contexto, 2003.
- PALANCA, Nelson. “Educação moderna, indústria cultural e barbárie”. In: VAIDERGON, J./BERTONI, L. M. (orgs). *Indústria cultural e educação* (ensaios, pesquisas, formação). 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 2003, p. 133-147.
- PORTO, Tânia M. Esperon, (2000). “As mídias e os processos comunicacionais na formação docente na escola”. Disponível em: <http://www.anped.org.br>.
- PUCCI, Bruno. “Indústria cultural e educação”. In: VAIDERGON, J./BERTONI, L. M. (orgs). *Indústria cultural e educação* (ensaios, pesquisas, formação). 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 2003, p. 9-29.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A muralha*; romance comemorativo do IV centenário da fundação de São Paulo. 7ª ed. Brasília, Editora de Brasília – EBRASA, 1971.
- ROCCO, M. T. F. *A linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. “Que pode a escola diante do fascínio da TV?”. Série Idéias nº 9. São Paulo: FDE, 1994, p. 53-62. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>
- RONDON, Roberto. “Os desafios da emancipação no atual momento da educação brasileira”. In: LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco e outros (orgs.). *Teoria crítica, ética e educação*. Piracicaba/Campinas, Editora UNIMEP/Editora Autores Associados, 2001. p.217-225
- SANTOS, Maria J. V. *História do Brasil/Supletivo* – primeiro grau. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1996.

SCHIMIDT, Maria A. e CAINELLI, M. *Ensinar história*. – São Paulo: Scipione, 2004.

(Pensamento e ação no magistério).

SCHIMIDT, Marcos Furley. *Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história malcontada*. São Paulo, SP: Nova Geração, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.

TÁVOLA, Artur da. *A liberdade do ver: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

THOMPSON, E. P. “A história vista de baixo” (p.185-201) e “Folclore, antropologia e história social” (p.227-267) In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, J. B. “*A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*”; tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VARUSSA, Rinaldo José. “TV e jornal enquanto produtores de notícias: algumas perspectivas e trabalho em sala de aula”. Cad. História, Uberlândia 7(7): 83-90, jan.97/dez.98.

Minissérie:

A muralha. Dir. Denise Saraceni e Eduardo Figueira. Séries Cinema/TV, Brasil, 2002.

Links de Comunicação e Educação:

<http://www.futura.org.br>

<http://www.eca.usp.br/nucleos>

<http://novaescola.abril.uol.com.br>

<http://www.tvebrasil.com.br/salto>